

CONTRIBUIÇÃO PARA UMA ANÁLISE DA APROPRIAÇÃO DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PELA CLÍNICA DA ATIVIDADE DE YVES CLOT

Diana Theodoro¹

João Henrique Rossler²

Resumo

Este artigo analisa a apropriação por Yves Clot de conceitos da Psicologia Histórico-Cultural (PHC) de Vigotski e Leontiev. Resulta de pesquisa teórico-conceitual realizada por meio da análise das duas principais obras do autor francês: “A Função Psicológica do Trabalho” e “O Poder de Agir”. Justifica-se em razão da repercussão da Clínica da Atividade no Brasil e por ser difundida como teoria no campo da Psicologia do Trabalho fundamentada na PHC. Foram encontradas divergências teórico-metodológicas entre o pensamento de Clot e as ideias defendidas pelos psicólogos russos. Além disso, constatou-se que a proposta de intervenção de Clot não é consistente com a psicologia marxista de Vigotski e Leontiev, no que diz respeito ao seu pressuposto básico acerca da necessidade de superação da sociedade capitalista. Assim, conclui-se que a apropriação dos elementos teóricos de Vigotski e Leontiev realizada por Clot consistiu num processo de incorporação pragmático que descontextualizou estes autores de sua origem teórica filosófico-epistemológica, conforme sua utilidade no conjunto da obra do autor francês. Os resultados advêm da análise dos conceitos de trabalho, gênero de atividade e estilo pessoal, bem como a proposta de intervenção da Clínica da Atividade.

Palavras-chave: Yves Clot. Clínica da Atividade. Psicologia Histórico-Cultural.

CONTRIBUTION TO AN ANALYSIS OF THE APPROPRIATION OF HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY BY THE YVES CLOT ACTIVITY CLINIC

Abstract

This article analyzes the Yves Clot's appropriation of concepts of Cultural-historical psychology (CHP) of Vigotski and Leontiev. It results from theoretical-conceptual research carried out through the analysis of the two main works of the French author: “The Psychological Function of Work” and “Work and agency”. It's justified because of the Clinic of the Activity's repercussion in Brazil and because it is widespread as a theory in the field of Work Psychology based on the CHP. Were found theoretical and methodological differences between the thought of Clot and the ideas defended by the Russian psychologists. In addition to divergences in the concepts studied, it was found that Clot's proposal of intervention is not consistent with the marxist psychology in regard to their basic assumption about the need to overcome capitalist society. Thus, it was concluded that the appropriation of the theoretical elements of Vigotski and Leontiev by Clot consisted of a process of

¹ Graduação em Psicologia UFPR (2004), Mestrado em Psicologia UFPR (2013). Psicóloga da UFPR. E-mail: dianatheodoro90@gmail.com

² Doutor em Educação Escolar (UNESP). Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: jhrossler@ufpr.br / joheross@yahoo.com.br

pragmatic incorporation that decontextualized these authors from their philosophical-epistemological theoretical origin, according to their utility in the work of the French author. The results come from the analysis of the concepts of work, gender of activity and personal style, as well as the intervention proposal of the Clinic of Activity.

Keywords: Yves Clot. Clinic of Activity. Cultural-historical psychology.

Introdução

O trabalho como meio de sustento a partir da sua troca por um salário é comumente considerado pela classe trabalhadora como atividade penosa, que desgasta, faz sofrer e, em alguns casos, adoecer. Essa concepção negativa sobre o trabalho, notória no senso comum, é confirmada estatisticamente pela situação hoje de uma parcela significativa dos trabalhadores, que apresenta algum grau de sofrimento psíquico relacionado ao seu trabalho a ponto de necessitar dele se afastar.

Dados retirados de relatório do Ministério da Previdência Social (MPS), e que constam da pesquisa de Junior (2012), informam que no ano de 2010 os transtornos mentais já eram a terceira causa mais frequente de concessão do benefício de auxílio-doença. O boletim publicado recentemente pela Secretaria de Previdência Social (2017), hoje vinculada ao Ministério da Economia – na época, vinculada ao Ministério da Fazenda –, confirma o mesmo quadro: os transtornos mentais e comportamentais foram a terceira causa de incapacidade para o trabalho, totalizando 668.927 casos entre 2012 e 2016, ou seja, cerca de 9% do total de auxílios-doença e aposentadorias por invalidez concedidos nesse período.

Esses dados retratam a realidade da classe trabalhadora e remetem a uma questão que deve ser analisada com profundidade: como se estabelece a relação entre o trabalho sob o capitalismo e a produção do sofrimento? Assim, entre as décadas de 1960 e 1980, ocorre no mundo, com reflexos no Brasil, o desenvolvimento de estudos e propostas de intervenção que se colocam como críticas ao que vinha sendo produzido na Psicologia e no campo da Medicina do Trabalho/Saúde Ocupacional³.

É neste contexto que, na década de 1990, surgem as pesquisas de Yves Clot, na França, como proposta teórico-metodológica que se debruça sobre a problemática do sofrimento pelo trabalho, situando-se como parte do que estudiosos do campo denominam de Clínicas do Trabalho (Bendassolli, 2011). Sua proposta se consolida como teoria de referência entre os estudiosos da Psicologia do

3 Recomendamos a leitura dos trabalhos de Freitas (2002), para a compreensão do desenvolvimento da Psicologia no contexto do trabalho, e de Mendes e Dias (1991) para a compreensão do desenvolvimento da medicina do trabalho e de sua superação pelo campo Saúde do Trabalhador.

Trabalho⁴ e da Saúde Mental e Trabalho, por se afirmar como instrumento teórico e de intervenção que busca contribuir para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores.

Yves Clot (2007) define sua teoria, denominada por ele Clínica da Atividade (CA), como uma proposta de análise psicológica do trabalho. Em sua mais recente publicação a que tivemos acesso, “Trabalho e Poder de Agir” (2010), o autor afirma que as formulações que compõem sua teoria estão baseadas em quatro grandes pilares teóricos: a Ergonomia Francesa (EF), citando Wisner; a Psicopatologia do Trabalho (PT), teoria desenvolvida por Le Guillant; a proposta denominada Modelo Operário Italiano (MOI), que tem sua expressão na Psicologia em Ivar Oddone; e a Psicologia Histórico-Cultural (PHC), fazendo referência a conceitos de L. S. Vigotski e A. N. Leontiev⁵.

Clot (2010) afirma que há entre sua teoria e a Ergonomia Francesa uma filiação, porém marcada pelo debate e pela controvérsia, termo este bastante utilizado por ele para ressaltar seu método de pesquisa e intervenção. Retoma da tradição ergonômica francesa sua consideração da subjetividade no mundo do trabalho, buscando partir do seu conceito de atividade, mas expandindo-o para além do trabalho realizado e da sua subjetivação (Silva *et.al*, 2011).

Com relação à Psicopatologia do Trabalho, outra teoria muito expressiva na França, Clot afirma que, apesar de se inspirar no contexto de desenvolvimento dessa teoria e até mesmo se basear em reflexões propostas por alguns de seus representantes, se diferencia dessa tradição no seguinte aspecto: considera que a atividade é determinante na produção da subjetividade, ao contrário da PT para a qual, segundo Clot (2010), o trabalho (local e atividade trabalho) é apenas o cenário para a emergência dos pensamentos e, com eles, conflitos subjetivos. Para a Clínica da Atividade, o pensamento humano é fruto da atividade prática. Nesse sentido, Clot afirma que o ambiente de trabalho, as suas relações e tarefas, conformam o contexto que contribui para a produção da subjetividade.

Em relação ao Movimento Operário Italiano, Clot (2010) afirma que busca neste modelo e em seus grupos homogêneos de debate sobre o trabalho, a inspiração para desenvolver seu método de intervenção – o poder de agir – baseado principalmente na abertura de um diálogo com e entre os trabalhadores, a fim de que possam analisar suas tarefas e “modificá-las” com vistas a uma maior satisfação e motivação no trabalho.

4 Importa atentar para o fato de que, a partir da década de 2000, a Clínica da Atividade chega ao Brasil e é adotada por alguns pesquisadores brasileiros em seus estudos. (Silva *et.al*, 2011)

5 L. S. Vigotski (1896-1934) e A. N. Leontiev (1903-1979), juntamente com A. Luria (1902-1977) são psicólogos e pesquisadores que viveram na antes denominada URSS. Juntos, são considerados os principais responsáveis pelo desenvolvimento das bases materialista histórico-dialética da Psicologia Histórico-Cultural. De Vigotski, herdamos entre muitas obras: “A Construção do Pensamento e da Linguagem” e “Teoria e Método em Psicologia”, “Desenvolvimento Psicológico na Infância”, “Psicologia da Arte”. De Leontiev, podemos contar com importantes obras como “Atividade, Consciência e Personalidade” e “O Desenvolvimento do Psiquismo”. Para mais elementos sobre o tema indicamos a leitura de Tunes e Prestes (2009).

No que se refere à Psicologia Histórico-Cultural, as principais publicações em que Clot sistematiza sua teoria (Clot, 2007; 2010) evidenciam que o autor se baseou principalmente na obra de Vigotski e Leontiev. Tanto que no Brasil, sua teoria tem sido difundida de forma expressiva pela sua referência explícita a esses autores (Lima, 2007). Clot (2010) define a clínica da atividade, como teoria no campo da Psicologia do Trabalho fundamentada na PHC, entre as outras fontes de inspiração. De fato, se deve a esta argumentação grande parte de sua repercussão positiva em nosso país e do interesse que despertou tanto na comunidade acadêmico-científica como em parte do movimento sindical.⁶

Partindo do pressuposto que o Materialismo Histórico-Dialético, tal qual formulado pelo filósofo alemão K. Marx, é a raiz ontológica e epistemológica (e, portanto, teórico-metodológica e prática) indissociável da PHC em geral, e da obra de Vigotski e Leontiev em particular, entendemos que se torna necessário compreender a natureza da apropriação, por parte de Yves Clot, dos conceitos destes autores. A referência direta estabelecida pelo autor francês entre a CA e a PHC, aliada à fundamentação simultânea de Clot em matrizes teóricas diversas; bem como os desdobramentos práticos de sua teoria; provocam-nos a necessidade de buscar compreender qual a natureza da apropriação que Yves Clot realiza dos conceitos advindos de Vigotski e Leontiev. Essa necessidade emerge do caráter crítico e radical da posição filosófico-política destes autores, em relação à sociedade de classes capitalista e de seu projeto de superação desta mesma sociedade.

Assim, o presente artigo se propõe a analisar a coerência das ideias do autor francês em relação ao pensamento dos autores da PHC, nos quais afirma se embasar. Para tanto, analisa os conceitos de *Trabalho, Gênero e Estilo Pessoal*, citados por Clot como inspirados e/ou relacionados de alguma forma com a PHC. E, por último, faz alguns apontamentos acerca do que Clot define como o Poder de Agir, ao referir-se ao objetivo de seu método de intervenção.

O conceito de trabalho na clínica da atividade

Embora Yves Clot se proponha a elaborar uma teoria sobre a “função psicológica do trabalho”, cabe ressaltar, de início, que o conceito de trabalho do autor não aparece de forma sistematizada nas obras que analisamos. Assim, foi necessário um mapeamento geral de seus textos para tentar abstrair o conceito e proceder à sua análise.

O conceito de trabalho é central para a compreensão do processo de constituição do ser

⁶ Destacamos como exemplo dessa repercussão no campo sindical o I Simpósio Internacional de Saúde do Trabalhador, ocorrido em 2012, evento este organizado pelas Prefeituras e o Sindicato dos Metalúrgicos do ABCD paulista e que teve como palestrante principal Yves Clot.

humano a partir do referencial teórico marxista e, conseqüentemente, da PHC. E por isso, deve receber um tratamento radical, coerente e sistemático em toda teoria psicológica que se afirme fundamentada nos autores dessa corrente. Assim, importa nesse momento buscar determinar até que ponto efetivamente há convergência entre o conceito de trabalho presente na proposta teórico-metodológica de Yves Clot e a psicologia marxista dos autores soviéticos. Sendo a categoria trabalho fundamental na filosofia marxista e, conseqüentemente, na PHC, qualquer afastamento desde conceito inviabiliza, em nosso entendimento, uma aproximação às ideias dos autores russos.

Em seu livro a “A função psicológica do trabalho” (2007), Clot explicita a afirmação de que o trabalho se estabelece como uma atividade da qual a humanidade dificilmente poderá prescindir sem comprometer sua manutenção. Segundo ele, o trabalho é um gênero de atividade de grande importância na constituição da subjetividade, pois está relacionado ao sentimento de utilidade social. Para o autor francês, apesar de importante, o trabalho se conforma como um dentre os gêneros de atividade que constituem o que ele denomina de subjetividade humana, sem ser, necessariamente, o determinante para tal (CLOT, 2010). Nesse sentido, o autor francês está situando o trabalho num nível de hierarquia diferente do que faz o marxismo ao abordar o ser humano, que o entende, de um ponto de vista histórico-ontológico, como atividade fundante do ser social (do ser humano) e, de um ponto de vista psicológico, como a *atividade principal* ou a *atividade dominante*⁷ da vida adulta, isto é, atividade organizadora do desenvolvimento psíquico (psicológico) numa determinada etapa da vida (Rios e Rossler, 2017; Facci, 2004; Pasqualini, 2009).

Em nossa pesquisa, encontramos dois aspectos principais para os quais Clot chama a atenção ao tratar do que procuramos como conceitos de trabalho. Vejamos a seguir.

Clot (2010) vai buscar a contribuição de Wallon, no que se refere ao trabalho como uma *atividade forçada*, isto é, que não pode ser considerada uma simples resposta do organismo às excitações do meio externo e nem do instinto. Segundo essa análise, o trabalho é a atividade mais humana que existe, sendo seu objeto estranho às necessidades aparentes e imediatas do sujeito, pois é transcrita em tarefas que não se relacionam diretamente às funções orgânicas das pessoas.

Além disso, para Clot (2007), o trabalho é o meio que possibilita acessar formas de vida que

⁷Leontiev (1988), dando continuidade aos estudos de Vigotski, afirma que cada período do desenvolvimento psíquico humano é marcado por um tipo principal de atividade que governa as mudanças mais importantes nos seus processos psíquicos e nos seus traços psicológicos. O autor define o conceito de atividade principal, afirmando que esta atividade não é aquela mais frequente na vida do indivíduo, mas sim aquela que cumpre os seguintes atributos: a) é a atividade em cuja forma surgem outros tipos de atividade e no interior da qual essas novas atividades se diferenciam; b) é a atividade na qual e a partir de quais processos psíquicos particulares tomam forma ou são organizados; c) é a atividade da qual dependem, de forma íntima, as principais mudanças psicológicas da personalidade em cada período do desenvolvimento. (LEONTIEV, 1978, p. 64). Assim, a atividade principal é que vai governar o desenvolvimento e as mudanças mais importantes no psiquismo humano, em cada etapa da vida. Ressaltando-se que esta atividade corresponde, a cada etapa, a uma determinada necessidade (motivo) interior.

até então eram restritas às elites da sociedade. Ou seja, possibilita consumir os bens produzidos pela humanidade, sejam eles materiais ou não, como lazer, férias, cultura, política, educação etc. Em outras palavras, Clot (2007) atribui ao trabalho a possibilidade de se possuir um salário, que é trocado por objetos de consumo, oferecendo assim, acesso à riqueza acumulada pelo gênero humano. E enfatiza, com isso, seu valor de troca na sociedade capitalista. Vejamos nas palavras do autor essa defesa:

Em outras palavras, é precisamente em razão do fato de que a vida diferenciou suas inserções, em virtude do recuo da mono-atividade e dos processos da contingência biográfica, que o trabalho se acha de tal maneira investido pelos sujeitos. Eles requerem dele muito mais do que antes. Em particular, que ele seja um meio de realização de todas as vidas que julgam merecer. Mas também um meio de invenção dessas vidas. O trabalho está portanto menos no centro e, em termos paradoxais, mais no centro. Menos no centro porque a vida profissional faz dele a parte de um todo que o ultrapassa amplamente. Mais no centro porque ele deve oferecer agora a cada um o poder de fazer algo de sua própria vida, de ser sujeito de sua história. Mais inserido em atividades que por séculos permaneceram privilégio de algumas camadas sociais (formação, consumo, lazer, férias, esportes, política, cultura) – mesmo que essas atividades continuem elas próprias subordinadas -, o trabalho se faz seu eco (Bouffartigue, 1994; Rochex, 1995^a; Terrail, 1990). Ele é objeto de uma nova exigência de auto-realização que passa grande parte de sua vitalidade aos momentos extra-profissionais do ciclo de vida. (Clot, 2007, p. 73).

Assim, constatamos que o autor francês interpreta a atual conformação das relações sociais de produção – de exploração da força de trabalho pela venda (troca) do trabalho por um salário – como necessária para as pessoas, uma vez que pelo seu trabalho elas supostamente podem ascender socialmente. Em especial, ascender via consumo, em razão do que podem acessar com seu salário.

Se analisarmos o conceito de trabalho em Clot, considerando sua reflexão pautada em Wallon, podemos reconhecer que há uma menção ao conceito marxiano de trabalho (atividade forçada, não natural). Essa aproximação deixa pistas de que o autor está relacionando o trabalho como atividade que desenvolve o ser humano (Clot, 2010). Contudo, fica a dúvida: por qual motivo Clot não busca em Leontiev, Vigotski, ou Marx os elementos para essa elaboração?

Ao analisarmos a discussão que o autor francês realiza sobre o trabalho, nosso entendimento é que ele estaria, por alguma razão, procurando se manter numa posição distanciada do arcabouço teórico marxista. Esse distanciamento se torna ainda mais evidente pelo fato de não encontrarmos em suas elaborações teóricas sobre o trabalho nenhuma referência ao conceito de alienação ou às relações entre trabalho e alienação em nossa sociedade. Ao contrário, ao tratar da função psicológica do trabalho (Clot, 2007), destaca somente sua contribuição para o desenvolvimento psicológico humano, ou seja, o aspecto humanizador do trabalho. Mas nesse ponto, é necessário evidenciar uma contradição: ao mesmo tempo em que atribui ao trabalho uma importante função psicológica, não trabalha em seus textos o aspecto alienado e alienante dessa atividade nas sociedades de classe. Com

isso, o conceito de trabalho, em seu sentido ontológico (como atividade humanizadora) se apresenta equalizado a trabalho alienado, isto é, em seu caráter histórico. Em outras palavras, não desenvolve a necessária análise que distingue trabalho, de trabalho alienado.

De fato, não encontramos nas obras consultadas (Clot, 2007; 2010) – e que reúnem suas elaborações mais desenvolvidas – apontamentos que se aproximassem da discussão marxista acerca do processo de exploração do trabalho no capitalismo e as limitações do acesso ao consumo de bens, que esse modo de produção impõe à classe trabalhadora. Discussão essa consistentemente incorporada na psicologia dos autores soviéticos. A maneira como Yves Clot nos apresenta o cenário em que vive a classe trabalhadora, dá a entender que o desenvolvimento individual pelo acesso ao que foi acumulado pelo gênero humano estaria ao alcance de todos, por meio de seu trabalho, sendo apenas necessário escolher o que se quer consumir. No entanto, em nosso entendimento, esta forma de interpretar as relações entre capital e trabalho não reflete a realidade objetiva da sociedade capitalista, que determina um processo econômico-social cada vez mais evidente de concentração da riqueza cultural humana historicamente produzida, tanto material como simbólica. Portanto, um processo cada vez mais intenso de alienação. Conceito este, que não encontramos em nossa análise de sua teoria, a despeito do caráter central que ocupa na teoria marxista e, conseqüentemente, nas reflexões dos psicólogos soviéticos acerca do ser humano, em geral, e do seu desenvolvimento psicológico, em particular.

A partir do que evidencia a investigação dos textos de Clot (2007; 2010), concluímos que o autor francês embasa sua análise do trabalho na forma e conteúdo particulares que esta atividade assume sob o modo de produção capitalista: como trabalho abstrato, definido pelo seu valor de troca e motivado pela ideologia do consumo, por necessidades que são externas a quem trabalha. Em outras palavras, Clot identifica o trabalho com sua forma historicamente determinada sob o modo de produção capitalista – trabalho assalariado – generalizando, universalizando o trabalho alienado como trabalho humano.

Para o marxismo, o trabalho no modo de produção capitalista é uma forma particular, historicamente determinada, da atividade vital humana. Neste contexto, as relações de produção da vida, determinadas pela atividade trabalho, se particularizam em relações de exploração da força de trabalho da classe trabalhadora, por parte da classe detentora dos meios de produção. Essa condição particular, qual seja, o trabalho alienado sob o capitalismo, não pode ser generalizada e naturalizada como trabalho humano. Muito menos entendido como benéfico para os trabalhadores, em razão de se constituir como meio de acesso às riquezas e conquistas humanas nesta sociedade, postas como mercadorias para consumo. Porque, ao se fazer essa equalização, as determinações históricas que

constituem o todo complexo da expressão trabalho no capitalismo, ascendem a uma condição universal, a-histórica, idealista e naturalizante.

Em nossa análise, Clot (2007, 2010) se afasta teoricamente da PHC. Porque localiza o trabalho de forma divergente da análise marxista acerca da sua dimensão ontológica, central e fundante para a constituição humana, no ser social, contraditoriamente ao seu caráter histórico, alienado e alienante. Essa divergência com a PHC deve ser defendida, porque o conjunto das reflexões psicológicas de Vigotski e Leontiev, em especial sobre o conceito de trabalho, se fundamentam nas análises de Marx.

Por ser o trabalho um conceito central na PHC, do qual se desdobram suas elaborações teóricas acerca da determinação histórico-social do psiquismo e do desenvolvimento humano, consideramos que este conceito não pode ser abandonado ou revisionado em estudos psicológicos que visam fundamentar-se nesta teoria. Além disso, a utilização do conceito de trabalho sem levar em consideração seu caráter dialético, alienado e humanizador, traz como consequência, em nosso entendimento, o risco de não problematizar o modo de produção capitalista como fator que estrutura a determinação do sofrimento do homem em seu trabalho, que se expressa de forma particular no trabalho assalariado e carente de sentido para o trabalhador.

Esse aspecto nos remete ao próximo tópico de nossa análise: o sentido do trabalho.

O gênero de atividade profissional e o estilo pessoal

Clot (2007, 2010) propõe o conceito de gênero de atividade profissional como categoria para compreender o processo de trabalho e desenvolver sua proposta de intervenção no mundo do trabalho com o objetivo de estabelecer o poder de agir. Segundo o autor, gênero seria o meio de ação para cada trabalhador, comum a um coletivo de trabalhadores; é também a história de um grupo e memória impessoal de um local de trabalho. Inscreve-se como o espaço social que se configura como cenário, pano de fundo, para o desenvolvimento das atividades profissionais, ligadas a uma situação, às maneiras de apreender as coisas num determinado meio. Estão relacionadas ao conceito de gênero, as atividades que se espera que sejam realizadas dentro de uma determinada profissão, isto é, elementos que constituem a atividade pessoal dos trabalhadores em determinado contexto.

O autor afirma que o trabalhador se apropria do gênero e o refaz a partir de sua prática pessoal, referindo que há também uma ação ativa do indivíduo sobre o gênero. Afirma que o gênero – como formalização do social – se redefine na atuação particular do grupo, que torna a tarefa sua, imprimindo nela sua marca. Sua elaboração do conceito de gênero de atividade profissional incorpora a noção de

um aspecto socialmente construído do trabalho, o que configura a profissão; mas também de um aspecto flexível, que garante a expressão da criatividade individual dos trabalhadores envolvidos na tarefa em questão. A tese defendida pelo autor é a de que se deve considerar o gênero, ao mesmo tempo, como um núcleo de processos combinados socialmente, mas com a flexibilidade necessária para garantir a possibilidade da expressão da criatividade pessoal dos trabalhadores na sua profissão. O que, assim, produziria um sentido na e para a sua atividade.

O conceito que descreve essa dimensão criativa do indivíduo sobre o gênero é o estilo pessoal. Clot (2010) descreve o estilo como a própria libertação do gênero profissional, isto é, dos seus elementos genéricos. O estilo tem, para Clot, grande importância psicológica na vida do trabalhador, pois descreve, grosso modo, a função psicológica do trabalho, que reside em criar as possibilidades para o sujeito participar da história coletiva, que está cristalizada em gêneros sociais flexíveis o suficiente para que cada indivíduo possa imprimir no trabalho sua marca pessoal. Esse aspecto do trabalho é o que Clot define como a possibilidade de “sair de si”.

Em nossa compreensão, essa concepção de gênero da atividade profissional contribui para tecer um conjunto de argumentos que camufla o fato de que o trabalho, no modo de produção capitalista, é determinado de modo heterônomo, ou seja, não se constitui como atividade autodeterminada. Está limitado à realização de uma tarefa planejada por outros, definida não pelo próprio trabalhador e com objetivos que não são os de produzir um trabalho que faça sentido para ele. Ao contrário, adquire sentido apenas como meio de vida. Portanto, o que o autor denomina como gênero da atividade profissional, para a PHC se define como o acúmulo da experiência social de um determinado coletivo de trabalhadores, o qual se expressa em nossa sociedade de modo alienado, como alienação do trabalho: alienação da sua própria atividade como consequência do processo de expropriação, sob o capital, dos meios de produção e do saber do trabalhador.

Em relação à questão do sentido do trabalho para o trabalhador, encontramos discordâncias sobre a apropriação do autor para as elaborações propostas pela PHC de Vigotski e Leontiev. Para Leontiev (1978a; 1978b), na atividade humana não existe uma relação imediata, direta, entre o motivo e o objeto da atividade. A estrutura da atividade humana é mais complexa do que a atividade dos demais animais, correspondendo a ela outra e mais complexa estrutura psicológica. Para explicar a estrutura da atividade humana, Leontiev diferencia atividade de ação. Nas ações não há uma relação direta entre a necessidade/motivo e o seu conteúdo objetivo (ou seu objeto). Toda ação é sempre integrante de um processo maior, o qual Leontiev denomina como atividade (embora seja possível que uma atividade seja composta de uma única ação, não havendo neste caso qualquer distinção). As atividades humanas, portanto, são compostas de um complexo de ações articuladas e o sentido de

cada ação é produzido por aquilo que liga, na consciência do sujeito, o conteúdo objetivo da ação, seu significado (ascender o fogo, por exemplo), ao seu motivo, isto é, ao motivo da atividade da qual essa ação é parte integrante (alimentar-se, por exemplo). No trabalho, portanto, as ações que compõem a atividade do trabalhador fazem sentido para ele ao estabelecer a relação existente entre estas ações e o motivo que o levou a planejá-las e executá-las.

O processo de desenvolvimento da divisão social do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção produzem uma forma de estruturar a consciência em que predomina a dissociação entre o sentido da ação e o seu motivo. Leontiev explica como, nas relações capitalistas de produção da vida, se manifesta essa dissociação. Por exemplo, a tecelagem tem para o tecelão a significação objetiva de tecelagem; a fiação de fiação. Contudo, a consciência do trabalhador se caracteriza pela relação que se estabelece entre essas significações e o sentido que seu trabalho tem para ele. Para o autor, o sentido depende do motivo, portanto, o sentido de tecer ou fiar, por exemplo, depende do que incita o trabalhador a agir. Na sociedade capitalista, dadas as condições de existência do trabalhador – ser desprovido dos meios de produção, restando-lhe apenas a possibilidade de vender sua força de trabalho como mercadoria – o que o incita a agir não é o conteúdo objetivo de sua atividade, tecer ou fiar para satisfazer a necessidade social de fio ou tecido, mas sim o salário que recebe como pagamento pela sua atividade. Para Leontiev, portanto, é o salário que predominantemente confere sentido a atividade de trabalho, bem como, no exemplo citado, ao fio e ao tecido que produz (Leontiev, 1978b, p. 123).

Sendo assim, o sentido produzido pelo trabalhador em seu trabalho explorado, alienado, não pode simplesmente ser alterado, transformado, segundo sua própria vontade ou por meio de processos afetivo-cognitivos; ou seja, por meio de um esforço mental, buscando encarar a ação com outro sentido ou ressignificando-a. Nem por meio dos diferentes estilos que este trabalhador adote e imprima em sua ação, isto é, a partir de seu estilo pessoal. O sentido pessoal de suas ações é produzido pela atividade consciente do trabalhador, mas dentro das condições objetivas, sociais, a que está submetido, as quais o obrigam a vender a sua força de trabalho em troca de um salário para que, com este, possa subsistir. Nisso se produz a alienação, ou seja, processo no qual o sentido do trabalho torna-se externo ao trabalhador; esteja no salário recebido e não no que se produz ou na atividade em si mesma, em sua função social.

Portanto, o que Clot define como estilo pessoal, marca pessoal do trabalhador, expressão de sua criatividade, não reverte a condição objetiva e subjetiva de alienação a que estão submetidos os trabalhadores nas atuais relações sociais de produção. Pelo contrário, este estilo é limitado pelos processos de alienação que atravessam seu trabalho, podendo mesmo esconder estes limites e até

reproduzir elementos de alienação. Por exemplo, quando a marca do trabalhador, seu estilo pessoal, sua criatividade, se volta para realizar tarefas de modo a cumprir suas metas num menor tempo, para melhorar sua produtividade. E isto ainda que à custa, muitas vezes, de maior esforço e desgaste de sua saúde física e mental.

No trabalho sob relações capitalistas de produção, mesmo em um contexto em que o modo de gestão se flexibilize, a ideia do estilo pessoal como impressão da marca individual do trabalhador no processo de trabalho (como sendo a expressão de sua criatividade e engajamento) é muitas vezes inviável, pois os trabalhadores possuem pouca ou, em casos extremos, nenhuma oportunidade de planejar e controlar seu trabalho.

Diferentemente do que defende Clot, segundo nossa análise de sua obra (2007; 2010), sobre a possibilidade de realização de um trabalho de qualidade a partir da emergência da flexibilização da organização do processo produtivo – entendendo-a, com base no autor, como a impressão da marca pessoal do trabalhador no gênero da atividade profissional – o que concluímos ocorrer com essa flexibilização, na maior parte das vezes, é a intensificação da exploração dos trabalhadores. Porque alterações no processo produtivo são aceitas pelos gestores do capital, se não acarretarem em acréscimo de gastos ou diminuição do lucro esperado. Portanto, as mudanças no trabalho decorrentes de iniciativas criativas dos trabalhadores são incorporadas apenas se aumentam a produtividade ou reduzem os custos. E isto ocorre, muitas vezes, com a intensificação do trabalho e a expropriação do saber do trabalhador pelo capital.

Portanto, consistentemente com a PHC, o estilo pessoal não poderia ser considerado um elemento gerador de sentido para o trabalho. E ainda que este estilo tenha alguma relevância psicológica afetivo-cognitiva, isto é, desdobramentos na vida psíquica do trabalhador, esta é interpretada como decorrente da ilusão de que se é livre para criar em seu trabalho, imprimindo nele sua marca pessoal e, assim, produzindo mais motivado. Ou ainda decorrente da possibilidade de, por meio de seu estilo criativo, o trabalhador encurtar o tempo e diminuir seu esforço físico e mental, seu sofrimento. Porque sob as condições de alienação produzidas pela lógica da reprodução do capital, o trabalho não lhe realiza; é trabalho imposto, mortificação e com sentido de labuta; enquanto seu tempo “livre”, sem trabalho, tem sentido de vida e é fonte de prazer.

Nesse contexto, ressignificar o trabalho para que psicologicamente ele seja algo que realmente não é, a fim de aumentar a satisfação do trabalhador em seu trabalho para que ele possa se engajar em sua atividade, trabalhar e produzir mais motivado, nada mais é do que agravar sua condição de alienação. O que de forma alguma pode ser considerado coerente com os ideais dos autores da PHC.

Essa questão é o tema da análise a seguir: o método de intervenção e os objetivos da clínica da atividade proposta por Clot.

O poder de agir

Estabelecer o poder de agir é a finalidade da clínica da atividade, afirma Yves Clot (2010). Por outro lado, fazer clínica da atividade pressupõe dois objetivos específicos: o primeiro é resultar num engajamento subjetivo dos trabalhadores em seu trabalho. Quer dizer, utilizar a favor dos trabalhadores e do trabalho realizado, o resgate da subjetividade dos indivíduos. O segundo, é que este engajamento seja efetivo como instrumento de ação transformadora da atividade que está sendo analisada.

Avaliando os objetivos do poder de agir, consideramos necessário realizar dois apontamentos iniciais. O primeiro se relaciona ao primeiro objetivo. O aproveitamento do engajamento dos trabalhadores no processo de produção capitalista não nos parece muito diferente do objetivo já estabelecido pelas teorias da Administração e pela Psicologia Industrial e Psicologia Organizacional, que se dispuseram ao longo de sua história a gerenciar os aspectos pessoais, motivacionais ou subjetivos dos trabalhadores, a fim de potencializar a produção capitalista. Nesse aspecto, não encontramos diferenças entre essas duas propostas e da de Yves Clot.

O segundo problema, relacionado ao segundo objetivo, é a abrangência do alcance proposto pelo poder de agir. A ação transformadora que objetiva o poder de agir se limita a mudanças na tarefa, na atividade concreta que está sendo realizada. Podemos questionar esse limite recolocando a questão defendida por Marx e compartilhada por Vigotski, Leontiev e colaboradores, de que a emancipação do homem, individualmente, só se efetiva com a superação da pré-história da humanidade, que é a sociedade de classes.

Clot (2010) afirma que o poder de agir deve ser desenvolvido a partir da abertura para uma atividade que está impedida. Ele propõe que, através de seu método de intervenção, se discuta com os trabalhadores sobre as ações que não foram realizadas por conta da pré-formatação do gênero de sua atividade profissional. O sentido da atividade para o trabalhador se produz quando ocorre a possibilidade de realizar essa atividade impedida, que foi planejada pelo trabalhador, mas não realizada em função das predefinições do gênero. Esse processo tem como consequência, para Clot (2010), a realização de um trabalho de qualidade, que satisfaz o trabalhador.

O poder de agir, sendo espaço aberto para o debate sobre o trabalho, se configura, para Clot (2010), como essencial para o desenvolvimento psicológico dos sujeitos, ao dar vazão para que o

coletivo de trabalhadores reelabore seu processo de trabalho e realize um trabalho de qualidade. Com isso, melhorando o próprio processo de trabalho tanto para os trabalhadores quanto para o capital. Em nosso entendimento, afinando seus interesses, ou seja, conciliando capital e trabalho.

Efetivamente, a proposta do autor é de contribuir na reorganização do coletivo de trabalho, buscando compreender e discutir com os trabalhadores os seus equívocos, sucessos e insucessos, sua história de atividade possível e impossível. Trata-se de dar espaço para o trabalhador realizar no trabalho, ações que não foram feitas por impedimento do gênero pré-formatado. Ao discutir sobre as atividades impedidas, não realizadas, constrói-se o sentido do trabalho para o trabalhador, pois este enxerga as possibilidades de mudanças na tarefa. Segundo Clot (2010), esse movimento de debater sobre a possibilidade de realizar o que está planejado por ele, mas impedido de se realizar, recria no trabalho um sentido. O desenvolvimento do poder de agir no trabalho diz respeito, portanto, a um aumento da capacidade do trabalhador de realizar as atividades por ele consideradas importantes, especialmente aquelas que são impedidas pelo gênero profissional.

Retomemos que o conceito de sentido para Vigotski (2000) é produzido na unidade entre cognição e emoção e na capacidade de criação e autoprodução nos modos de existência do ser humano. O autor russo defende que o sentido se desenvolve na atividade concreta da vida das pessoas. Em Leontiev encontramos, como já foi dito, que o sentido da atividade é produzido por aquilo que liga, na consciência do sujeito, o objeto ou conteúdo da ação ao motivo que levou à realização desta (LEONTIEV, 1978). Ao considerarmos que no capitalismo, a atividade de produção da vida se organiza sob a forma de exploração da força de trabalho, e que a organização do processo produtivo não é determinado pelos indivíduos que participam fornecendo sua força de trabalho nesse processo, temos que considerar que a produção do sentido dessa atividade não reside na realização de um trabalho de qualidade, nem mesmo na realização de uma atividade “impedida”, mas sim, como já dissemos, na troca por salário.

Por outro lado, na proposta de intervenção denominada poder de agir, Yves Clot defende que as mudanças no processo de trabalho são possíveis e necessárias a partir da intervenção dos trabalhadores em suas tarefas imediatas. Em nosso entendimento, mudanças parciais das condições de trabalho são, obviamente, possíveis dentro das relações capitalistas de produção. Todavia, enquanto essas mudanças, para Clot (2010), são processos responsáveis pela ressignificação do trabalho, para nós são o resultado de um processo de enfrentamento dos trabalhadores contra o capital. E, apesar de significarem melhorias nas condições materiais de vida e trabalho, não mudam o fato de que o trabalho explorado sempre terá uma porção de alienação e um sentimento de estranhamento. Sendo coerentes com a PHC, consideramos que se alteram apenas os motivos estímulos da atividade,

mas não, necessariamente, os motivos geradores de sentido.

Malaguty (2013) sintetiza bem os conceitos desenvolvidos por Leontiev a respeito da atividade principal como base organizadora dos hábitos e, conseqüentemente, do processo de personalização. Os componentes da atividade são as necessidades, objetivo e os motivos. Os motivos que impulsionam a atividade podem ser de dois tipos: motivos estímulos e motivos geradores de sentido. Motivos estímulos possuem uma função mais imediata e impulsionadora da atividade, carregados de afetividade. Podemos exemplificar como motivos estímulos, as ações desenvolvidas pelo capital para motivar os trabalhadores (prêmios em dinheiro e na forma de reconhecimento público pela meta atingida). Já os motivos geradores de sentido são aqueles que guardam uma relação direta e intensa com o sentido da atividade; que lhe fornecem um sentido pessoal específico. Conforme a autora,

Na atividade desencadeada por um motivo gerador de sentido existe uma unidade consciente entre os motivos e os fins, ou seja, entre o porquê e o para que da atividade. Por isso, eles possuem uma dimensão teleológica ocupando um lugar de destaque na hierarquia de motivos da personalidade pela sua importância na estrutura afetivo-emocional. (MALAGUTY, 2013, pag. 107)

Com base nessa distinção, consideramos que a proposta de intervenção de Yves Clot tende a causar interferências apenas nos motivos estímulos do trabalho, mas não nos seus motivos geradores de sentido – que sob as relações de compra e venda da força de trabalho continuará sendo o salário. Estratégia essa, por sinal, frequente nos modelos de gestão atuais que visam conquistar a subjetividade dos trabalhadores (sua cooptação) explorando um rol diversificado de motivos estímulos (Malaguty, 2013; Dalla Costa, 2017).

Espaços coletivos de debate que contribuam para a compreensão, por parte dos trabalhadores, das determinações do processo produtivo, são necessários para que a classe trabalhadora aprenda como enfrentar e reagir frente às investidas do capital. No entanto, ao contrário da concepção de Clot sobre esses debates, consideramos que o espaço de trabalho no capitalismo é, essencialmente, de disputa por interesses divergentes e contrários, não passíveis de conciliação: para a classe trabalhadora, o espaço de produzir bens de consumo e de vender sua força de trabalho em troca de salário; para o capital, espaço de produção de mais-valia à custa do desgaste físico e psíquico, da saúde e bem-estar dos trabalhadores. E isto independente do que, particularmente, se produz.

O movimento – necessário – dos trabalhadores, de buscar coletivamente a superação das condições precarizadas do trabalho, promove o desenvolvimento da consciência de que são os verdadeiros responsáveis pela produção da riqueza da humanidade, a qual lhe é socialmente retirada. E é objetivo da PHC contribuir para a tomada de consciência, por parte dos trabalhadores, dos elementos constituintes do processo de trabalho, no qual sua força de trabalho é explorada. Mas

diferentemente da proposta de Clot, o processo de revelação dessas determinações deve levar em consideração que o trabalho possui uma dimensão alienante, insuperável sob o modo de produção capitalista.

É a partir do trabalho que os seres humanos se aproximam individualmente do desenvolvimento do gênero humano, se apropriando dos bens materiais e simbólicos que a humanidade produziu (a tecnologia, as ciências, a arte, a filosofia etc.). Enfim, daquilo que nos define como seres humanos. E é pelo trabalho que a humanidade se desenvolve como gênero humano, a partir do avanço das forças produtivas (DUARTE, 2004).

Porém, quanto menos acesso o indivíduo tiver aos bens produzidos historicamente pela humanidade, por conta da divisão do trabalho e da propriedade privada, mais alienado este indivíduo será. Retomando brevemente o debate sobre a alienação, devemos compreendê-la como tendo base em um processo objetivo no qual as relações sociais impedem ou cerceiam que os indivíduos realizem as possibilidades de vida colocadas para o conjunto da humanidade.

Considerando essa dimensão alienante e alienada da divisão do trabalho, o percurso que deve ser realizado a fim de contribuir para que ocorram mudanças que efetivamente melhorem as condições de vida e de trabalho no capitalismo, deve passar pela explicitação das determinações do processo de trabalho. Esse movimento de apropriação dessas determinações tem o objetivo de diminuir o abismo existente entre o acumulado pelo gênero humano e o que está acessível aos trabalhadores, individualmente. O que só será possível de forma plena, pela superação da sociedade que produz esse abismo, ou seja, pela superação da sociedade capitalista.

Conclusão

Não foi objetivo desse estudo abarcar a totalidade da produção teórica de Yves Clot. E seria pretensioso propor tal tarefa no espaço limitado de um artigo. O que fizemos foi eleger e analisar alguns dos principais elementos teórico-metodológicos desta teoria, os quais consideramos importantes na investigação da relação que o autor estabelece com a PHC. Análise esta que se estendeu também à forma como o autor articulou estes elementos teórico-metodológicos em sua proposta de intervenção com os trabalhadores.

Em síntese, as conclusões a que chegamos apontam para o fato que: 1) Clot se fundamenta simultaneamente em outras três teorias, divergentes da PHC tanto de um ponto de vista ontológico-epistemológico como em termos de sua concepção de homem e de sociedade, recurso este incompatível com o método de construção do conhecimento dos autores soviéticos que ele afirma

utilizar, posto que estes autores definem tal procedimento na Psicologia como uma forma de ecletismo (Vigotski, 1999); 2) Não encontramos em nossa leitura da obra de Clot, referências à base filosófica dos autores soviéticos, a Marx ou ao Materialismo Histórico-Dialético. O autor não articula os conceitos apropriados de Vigotski e Leontiev com sua base epistemológica. Ao contrário, afasta-se dela; 3) Para a PHC, o trabalho no capitalismo comporta uma dimensão alienante e alienada, não considerada por Clot, uma vez que o conceito de alienação, tão caro ao pensamento marxista e aos autores da PHC, não é abordado em sua obra; 4) Clot não analisa o caráter concreto, historicamente determinado do trabalho, universalizando abstratamente o conceito de trabalho identificado com a ideia de tarefa e profissão; 5) Com isso, sua elaboração conduz a uma concepção universalizada sobre o trabalho alienado, historicamente existente e determinado pelas relações de produção capitalista, ou seja, desconsiderando que o processo produtivo da vida se expressa hoje de forma historicamente determinada, impondo formas de existência para os homens que tem como marca a alienação como modo hegemônico de sua objetivação no mundo e de suas apropriações; 6) a Clínica da Atividade propõe-se a construir a possibilidade de os trabalhadores realizarem “um trabalho de qualidade” (Clot, 2010), o que também melhoraria o próprio processo de trabalho para o capital; consolidando, assim processos de negociação entre capital e trabalho, em torno de um suposto objetivo em comum, isto é, equilibrar os interesses das classes trabalhadora e capitalista, procurando assim conciliar capital e trabalho – proposta contrária aos objetivos dos autores da PHC, cujas ideias afirmam a necessidade histórica de superação das relações de alienação presentes na sociedade capitalista, posto que estas relações impõem barreiras objetivas e subjetivas ao pleno desenvolvimento do homem.

Nesse sentido, podemos afirmar que o caminho aqui traçado nos colocou diante do fato de que a Clínica da Atividade diverge dos pressupostos essenciais da PHC. Assim, concluímos que a apropriação realizada por Clot, de elementos teórico-metodológicos de Vigotski e Leontiev, ocorreu de forma a descontextualizá-los de sua origem filosófico-epistemológica bem como de sua teoria psicológica.

A PHC é uma ciência afinada com o projeto de construção de uma psicologia marxista e engajada, portanto, do ponto de vista teórico e prático, na luta pela superação das relações sociais de exploração do homem pelo homem. E não uma ciência voltada para melhor ajustar ou adaptar o homem a esta sociedade. Tal afirmação está evidente no texto de Vigotski (1930), denominado “A transformação socialista do homem”, no qual o autor define que o desenvolvimento dos indivíduos está subsumido ao desenvolvimento da sociedade. Por esse motivo, o processo rumo à emancipação dos seres humanos e à realização das suas potencialidades só ocorre com o processo de rompimento da sociedade de classes. Esse objetivo não está expresso, nem de longe, na obra de Clot, o que,

pensamos, compromete a utilização do arcabouço teórico de Vigotski e Leontiev de forma coerente e consistente.

A construção de teorias voltadas à compreensão e explicação dos aspectos psicológicos da atividade de trabalho, ou seja, dos processos afetivo-cognitivos e comportamentais ligados a esta atividade, ainda que se trate de um empreendimento relevante e necessário, não pode se eximir de um posicionamento teórico e prático acerca do caráter humanizador e, ao mesmo tempo alienante, do trabalho explorado. Posicionamento este que deve ter como referência para a humanização as máximas possibilidades de vida humana existentes numa dada sociedade em uma determinada época; e, para a alienação, as condições histórico-sociais que impedem ou cerceiam a realização dessas possibilidades na vida de cada indivíduo singular (Duarte, 1999, p. 60-61).

Vigotski e Leontiev são, indubitavelmente, autores de base para a PHC. A partir de suas elaborações se ergue uma teoria psicológica que se propõe a contribuir para melhor compreender o ser humano e, ao mesmo tempo, contribuir para o seu desenvolvimento, superando os limites objetivos e subjetivos impostos pela sociedade capitalista. Por isso, desta teoria deriva a compreensão de que a superação do sofrimento do trabalhador não se reduz a ajudá-lo a fazer melhor e com mais qualidade seu trabalho ou executar aspectos de sua atividade que lhe são impedidos, possibilitando com isso que os trabalhadores se “sintam” sujeitos de suas ações. Não basta analisar os aspectos psicológicos que afetam subjetivamente a satisfação ou a realização do trabalhador em seu trabalho, seu engajamento subjetivo, propondo formas de, pelo diálogo e pelo debate, incrementar seu estilo pessoal e com isso recuperar o sentido do seu trabalho ou seu poder de agir individualmente. É necessário explicitar as determinações fundantes desse processo e possibilitar que os trabalhadores o conheçam, para assim, realizarem a transformação verdadeiramente necessária.

Referências

PAULANI, L. M. **Modernidade e discurso econômico**. São Paulo: Boitempo, 2005.

BENDASSOLLI, P. F. E SOBOLL, L. A. P. (Org). **Clínicas Do Trabalho**. São Paulo: Atlas. 2011.

CLOT, Y. **A Função Psicológica Do Trabalho**. Tradução De Adail Sobral. 2 Edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

CLOT, Y. **Trabalho E Poder De Agir**. Tradução De Guilherme João De Freitas Teixeira E Marlene Machado Zica Viana. Belo Horizonte: Fabrefactum. 2010.

CLOT, Y. **Clínica do Trabalho e Clínica da Atividade**. In Bendassolli, P. F. E Soboll, L. A. P. Org. *Clínicas Do Trabalho*. São Paulo: Atlas. 2011.

DALLA COSTA, F. P. **Análise crítica do modelo bps0-96 de qualidade de vida no trabalho a partir da teoria da atividade de a. N. Leontiev**. 2017. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR, 2017.

DUARTE, N. **A Individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. 2 edição. Campinas, SP: Autores Associados. 1999.

DUARTE, N. **Formação do indivíduo, consciência e alienação**: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. *Cad. Cedes, Campinas/SP*, vol. 24, n. 62, 2004, p. 44-63. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

FACCI, M. G. D. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski**. *Cad. Cedes, Campinas*, vol. 24, n. 62, abril 2004, p. 64-81. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br/>

FAZENDA, M. **Adoecimento mental e trabalho**: a concessão de benefícios por incapacidade relacionados a transtornos mentais e comportamentais entre 2012 e 2016. 1º Boletim Quadrimestral sobre benefícios por incapacidade. Governo Federal. 2017. Disponível em <http://sa.previdencia.gov.br/site/2017/04/1%C2%BA-boletim-quadrimestral.pdf>

FREITAS, S.M.P. **A psicologia no contexto do trabalho**: uma análise dos saberes e dos fazeres. 2002. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS. 2002.

JUNIOR, João Silvestre da Silva. **Afastamento do trabalho por transtornos mentais e fatores associados**: um estudo caso-controlado entre trabalhadores segurados na Previdência Social. 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2012.

LEONTIEV, A. N. **Actividad, consciencia y personalidad**. Buenos Aires, Ediciones Ciencias del Hombre. 1978^a.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa, Livros Horizonte. 1978^b.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, Lev Semenovitch.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, Ícone, 1988, p. 59-83.

LIMA, M. E. A. **Contribuições da Clínica da Atividade para o campo da segurança no trabalho**.

Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, São Paulo, nº 32, 2007, pág. 99-107.

MALAGUTY, S. **Sofrimento pelo trabalho**: contribuições a partir da teoria da atividade de A. N. Leontiev para o campo saúde do trabalhador. 2013. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba - PR, 2013.

MARX, K. **O Capital** – crítica da economia política. Livro Primeiro, volume I. Rio de Janeiro: 21 edição. Civilização Brasileira. 2003.

PASQUALINI, J. C. **A perspectiva Histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./mar. 2009. Disponível em meio eletrônico em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a05v14n1>

RIOS, C. F. R.; ROSSLER, J. H. **O trabalho como atividade principal no desenvolvimento psíquico do indivíduo adulto**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 22, n. 4, p. 563-573, out./dez. 2017.

SILVA, C. O. da; BARROS, M. E. B. de; LOUZADA, A. P. F. **Clínica da atividade**: dos conceitos às apropriações no Brasil. In: Bendassolli, P. F. e Soboll, L. A. P. (org). Clínicas do Trabalho. São Paulo: Atlas. 2011.

TUNES, E. e PRESTES, Z. **Vigotski e Leontiev**: Ressonâncias de um passado. In: Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 136, jan./abr. 2009. Disponível em meio eletrônico em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n136/a1439136.pdf>

VIGOTSKI, L. S. **A Transformação Socialista do Homem**. 1930. Tradução organizada por Marcelo Dalla Vecchia. Disponível em meio eletrônico em <http://www.marxists.org/portugues/marx/18>

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.